

**Sobre Carreiro, Rodrigo. *Era uma vez no spaghetti western – O estilo de Sergio Leone*. São José dos Pinhais: Estronho, 2014, 288pp., ISBN 9788564590793.**

por Alexander de Aguiar\*



É impossível passar pela história do cinema sem dedicar parte dela ao *western*, gênero que o crítico francês André Bazin chamou de “o cinema americano por excelência”. Se o *western* foi uma das pedras fundamentais do cinema clássico americano, imortalizado por diretores como John Ford e Howard Hawks, foi fora dos Estados Unidos que ele se modernizou, sobretudo com o movimento chamado de *spaghetti western*, ou mais popularmente no Brasil, “banguê-banguê à Italiana”. Outros exemplos também surgiram na União Soviética com o

surgimento dos chamados *red westerns*, ou ainda *easterns*, embora sem a mesma expressividade que grande parte dos filmes italianos e da *Nova Hollywood* obtiveram. A Itália pós-Neorrealismo que se destacava com a ascensão de diretores “de arte” como Federico Fellini e Michelangelo Antonioni também despontava como grande berço de *westerns*, dirigidos por nomes como Massimo Dallamano, Sergio Corbucci e, especialmente, Sergio Leone.

O livro escrito por Carreiro busca compreender não só o estilo de Sergio Leone enquanto realizador cinematográfico, mas de que forma o contexto em que o diretor se inseria transformava e permitia ser transformado através da ação de Leone. Partindo do pressuposto de que a história do cinema não reservou lugar

---

de destaque ao diretor como fez com seus supracitados compatriotas Fellini e Antonioni, para citar dois exemplos, Carreiro propõe duas questões nas quais dá o pontapé de partida para sua escrita: “qual foi, afinal, a efetiva contribuição oferecida por Sergio Leone? [...] E por que razões essa contribuição tem sido minimizada pelos estudiosos?” (24). Trata-se do primeiro grande estudo sobre o cineasta lançado no Brasil, que anteriormente havia sido estudado de maneira mais incisiva por Christopher Frayling – que serve como um dos teóricos de suporte para a publicação da obra de Rodrigo Carreiro –, especialmente no livro *Sergio Leone: Something to do with death* (2000), ainda sem título em português.

Para compreender esse contexto, o estudo de Carreiro aponta os ciclos de produção da *Cinecittà*, os estúdios cinematográficos que definiam esquemas de produção nos quais Leone trabalhou de acordo em toda a sua carreira. É importante afirmar que esses ciclos produziam filmes destinados ao consumo popular, obedecendo a um rigoroso método de produção industrial, pouco afeito a “autorias”, àquela altura mais alinhada ao cinema independente que seguia os passos dos métodos de realização do *Neorealismo* em detrimento ao modelo industrial que buscava antes de qualquer coisa uma rotatividade e consumo popular que pudesse rivalizar com o novo advento televisivo. Uma vez que um modelo dessa produção se mostrava efetivo, seus métodos eram imitados e reproduzidos até o esgotamento desse esquema. No pós-guerra, a receita do cinema italiano era decrescente, e apostando na busca por investimento estrangeiro e produção barata em grande escala, as obras da *Cinecittà* aos poucos voltaram a ter destaque junto ao público local. A ascensão de Leone enquanto realizador se deu nesse apogeu cíclico do estúdio italiano, que havia apostado inicialmente em filmes de melodrama romântico e o chamado *peplum* – filmes de sandália e espada, dos quais o diretor herdou características estilísticas e narrativas após ter trabalhado em outras funções em mais de 30 produções somente no período inicial pré-

*spaghetti western*. *O colosso de Rhodes* (*Il colosso di Rodi*, Sergio Leone, 1961) é apontado como legítimo exemplo de um filme *peplum*, que embora traga consigo a assinatura do realizador, não está contemplado no crivo da análise por falta de liberdade estilística de Leone em sua realização: “*O Colosso de Rhodes* não foi *concebido* por Leone, mas sim *dirigido* por ele, o que é algo bem diferente” (Carreiro, 2014: 41).

Ainda que o texto do autor do livro faça menção ao fato de que a história do cinema não é tão generosa ao referenciar Leone, seu estudo indica exemplos que acabam provando justamente o contrário, ou como a obra do diretor tornou-se parâmetro para todos os outros diretores contemporâneos a explorar o gênero na Itália e até mesmo na *Nova Hollywood*, que despontava com releituras ultraviolentas dos clássicos de décadas anteriores, como em *Meu ódio será sua herança* (*The Wild Bunch*, Sam Peckinpah, 1969). Suas características estilísticas são ainda hoje ponto de partida em qualquer discussão acerca da obra de Leone: *close-ups* extremos, utilização de lente *zoom* em meio a sinuosos movimentos de câmera, dilatação temporal da diegese aliada à fragmentação da narrativa, caráter anti-heroico dos personagens e seu peculiar senso de ironia, grandes planos gerais, realismo grotesco, elementos diegéticos que integravam a trilha musical, utilização dramática do silêncio, etc. Seu primeiro *western*, *Por um punhado de dólares* (*Per un pugno di dollari*, Sergio Leone, 1964), consolidou não só o seu próprio estilo, mas uma diretriz para todos os realizadores de faroeste na *Cinecittà*. O filme, releitura do clássico japonês *Yojimbo – O guarda-costas* (*Yojimbo*, Akira Kurosawa, 1961), trazia Clint Eastwood no papel do “homem sem nome”, personagem que posteriormente foi revisitado em toda sua “trilogia dos dólares”, ou mesmo “trilogia do homem sem nome”, motivado por ganância e busca por vingança que só fazia sentido de acordo com o prisma do próprio personagem. O caráter anti-heroico e individualista, motivado por atitudes questionáveis, narradas através de *flashbacks* foi sucesso de público e

impulsionou a produção local, que chegou ao seu ápice no início da década de 70, quando grande parte das realizações cinematográficas italianas era composta por filmes do gênero *western*.

Não só analisando os recursos estilísticos e narrativos dos *westerns* de Leone, que compunham as trilogias do Dólar e da América – essa integrando o épico filme *Era uma vez na América* (*Once upon a time in America*, Sergio Leone, 1984), único filme não-*western* das duas trilogias –, o livro escrito por Carreiro também é bastante informativo ao explicitar a recepção da crítica especializada sobre os filmes de Leone, seja através de textos publicados por nomes consagrados como Roger Ebert e Eduardo Geadá, ou mesmo através do conjunto de citações na *Cahiers du Cinéma*, principal veículo de difusão sobre a crítica cinematográfica àquela altura. Ao adentrar no prisma da crítica, Carreiro evidencia como a recepção da época possuía forte tendência a deslegitimar as obras de Leone por se tratarem de filmes de gênero, de forte apelo popular. É curioso notar a forma como a crítica lida com a obra de Leone com o passar dos anos, rendendo um novo olhar distanciado de preconceitos do passado em caso de antigos críticos, ou firmando-se como clássico diante das novas gerações pouco preocupadas com o caráter comercial que o gênero possuía no passado.

Se hoje a obra de Leone é tida como canônica em relação aos *westerns* no mundo todo, outro aspecto fundamental do livro é como a sua produção estava atrelada intrinsecamente aos métodos de produção do período, e dependiam estritamente de um aval imediato do público, que acabou por se esgotar juntamente de toda a produção do gênero no final da década de 70 na Itália, encerrando assim mais um ciclo na *Cinecittà*. Por conta disso, Leone levou cerca de dez anos para financiar a produção de seu último longa-metragem, marcado por brigas de bastidores e com fraco apelo popular, que culminou com o sepultamento da produção cinematográfica de Leone de uma vez por todas.

---

*Era uma vez no spaghetti western – O estilo de Sergio Leone* se encerra tratando sobre o legado de Leone na cinematografia mundial, mas não só a contemporânea. São constantes em todo o livro os exemplos seguidos pelos contemporâneo-conterrâneos de Leone ao adotarem premissas similares de estilo e narrativa ao construir seus próprios *spaghetti-westerns*, mas alguns exemplos apontados datados ainda dos anos 70 sequer possuem relação direta com o gênero, como por exemplo, a busca de George Lucas em aliar a trilha musical às cenas de ação utilizando elementos diegéticos em *Guerra nas Estrelas* (Star Wars, George Lucas, 1977), uma das características marcantes da parceria de Sergio Leone com o compositor italiano Ennio Morricone, responsável pela trilha musical em toda sua filmografia. Outros exemplos passam pelas obras de Kubrick, que herdou do italiano o realismo grotesco das cenas de violência que integram o icônico *A Laranja Mecânica* (*A Clockwork Orange*, Stanley Kubrick, 1971), ou da sincronização entre ação e música em *Barry Lyndon* (Stanley Kubrick, 1975). Dentre outros exemplos mais diretos, cineastas como Brian De Palma, Martin Scorsese e John Carpenter também são apontados como influenciados diretamente pela obra de Leone, cuja influência desponta especialmente em *neo-westerns* como os dirigidos por Quentin Tarantino, que afirmou ter como filme favorito o clássico *Três homens em conflito* (*Il buono, il brutto, il cattivo*, Sergio Leone, 1966).

Concluindo, o grande diferencial encontrado no livro é, não só a imensa gama de informações sobre contexto da produção na *Cinecittà*, análise narrativa e estilística das obras mais reverenciadas de Leone, estudo sobre seus personagens e o legado deixado pelo cineasta, mas a infinidade de imagens que amparam suas análises, muitas vezes quadro-a-quadro, evidenciando aspectos da filmografia que podem passar despercebidos em uma análise não tão minuciosa. Mesmo com caráter acadêmico, a escrita é fluida e prazerosa, trazendo consigo informações *off-stage* que compõem o mito em torno do nome de Leone. A galeria de pôsteres, impressas em páginas coloridas,

finalizam o grande trabalho sobre o cineasta italiano que cumpre uma de suas premissas principais: elevar o nome de Sergio Leone ao panteão dos grandes autores do cinema moderno, reverenciado e evidenciado ainda hoje diante de diversos realizadores que bebem da sua fonte estilística nos dias atuais.

---

\* Alexander de Aguiar é bacharel em Cinema e Vídeo pela Universidade Estadual do Paraná. É realizador cinematográfico, tendo lançado seu primeiro longa-metragem “Guerrilha – A trajetória da Dorsal Atlântica” em 2016. Desenvolve pesquisas sobre história e estética do cinema, em especial sobre *westerns*, cinema soviético e documentário. E-mail: [alexaguiarcinema@gmail.com](mailto:alexaguiarcinema@gmail.com).